

Fernandão: a complexidade na morte do ídolo e o surgimento do Mito¹

Bruna PROVENZANO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

A morte prematura e trágica de um ídolo do futebol, como Fernandão, gerou comoção entre torcedores, fãs e jornalistas. A cobertura da morte do ex-atleta ocupou muitas páginas de jornais que dedicaram espaço para tratar da perda daquele que foi um dos mais importantes jogadores da história do Rio Grande do Sul. Com este ensaio buscamos, a partir do Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin, e guiados pela Semiologia de Roland Barthes, desvelar aspectos obtusos nestas coberturas e entender a conotação destas produções jornalísticas. Este trabalho representa uma produção inicial do nosso olhar sobre o objeto de estudo da dissertação de Mestrado, na qual analisaremos a cobertura da morte de Fernandão a partir de matérias dos jornais Zero Hora e Correio do Povo.

Palavras-chave: comunicação; complexidade; Fernandão; jornalismo esportivo; morte.

A trajetória de Fernandão

Na madrugada do dia 7 de junho de 2014, a queda de um helicóptero vitimou fatalmente Fernando Lúcio da Costa, o Fernandão. A morte de um dos mais importantes jogadores de futebol da história recente do Sport Club Internacional, de Porto Alegre-RS, originou um clima de comoção que pode ser percebido em todo o estado gaúcho, com reflexos, inclusive, no lado Gremista do Rio Grande do Sul, eterno rival colorado.

No dia seguinte à morte de Fernandão, os principais jornais do estado (Correio do Povo, Zero Hora, Jornal do Comércio, O Sul e ABC Domingo, para citar apenas os da região metropolitana de Porto Alegre) estamparam as fotos do atleta na capa. O tema permaneceu na primeira página dos jornais na segunda-feira, dia 9, desta vez com detalhes sobre as despedidas promovidas por torcedores, as declarações de autoridades e jogadores além, é claro, da cobertura do velório e do sepultamento, que foram realizados em Goiás, local do acidente e onde o jogador nasceu e morava com a família.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – FAMECOS/PUCRS, email: brunaprovenzano@gmail.com.

A morte de um ídolo do futebol que havia deixado os campos há pouco tempo e que, aos 36 anos de idade, dava início à carreira de comentarista, pautou os veículos de comunicação durante vários dias e semanas. Nos dias que se seguiram, entre as pautas estavam os detalhes e possíveis causas do acidente aéreo e as retrospectivas da carreira do goiano que conquistou os principais campeonatos de futebol pelo Internacional na última década.

Dos 36 anos que viveu, Fernando Lúcio da Costa dedicou mais de três décadas ao futebol. Ainda criança começou a jogar no time de coração, o Goiás, clube que leva o nome do estado em que nasceu. A altura, 1,90 metro, justifica o apelido que tornou Fernandão mundialmente conhecido. Nascido em família de classe média alta, o filho de fazendeiro mostrava desde os primeiros passos que teria história diferente da maioria dos colegas de profissão que, pela falta de oportunidades e estudo, encontram no esporte uma das poucas possibilidades de ascensão na vida.

A primeira experiência como jogador profissional foi pelo Goiás, aos 16 anos. Foi no clube esmeraldino que Fernandão passou os seis primeiros anos da carreira que já se desenhava promissora. Neste período, atuando como meio-campo, conquistou cinco Campeonatos Goianos, duas Copas Centro-Oeste e um Brasileiro da Série B.

Foi na época em que defendia o Goiás que Fernandão conheceu aquela que seria sua futura esposa. Fernanda trabalhava na academia de ginástica em que a equipe de futebol fazia seus treinamentos. Depois da insistência do atleta, a professora aceitou conhecer melhor o craque do time goiano. Na época, Fernandão já era pai de Thainá, fruto de um relacionamento anterior.

A técnica que apresentava em campo e os cabeceios certos fizeram com que clubes europeus se interessassem pelo jovem jogador brasileiro. Em 2001, já casado, ele assinou contrato com o Olympique de Marseille, da França, clube que defendeu por quase três anos. O casal seguiu no país até 2004, ano em que Fernandão defendeu o Toulouse e assumiu uma nova função em campo: passou a ser atacante.

Da França, além da experiência de atuar por clubes do exterior e vivenciar a rotina do futebol e da sociedade europeus, Fernanda e Fernandão trouxeram o casal de gêmeos Enzo e Eloá, filhos que nasceram franceses.

Em 2004, o então presidente do Sport Club Internacional, Fernando Carvalho, convenceu o agora atacante a voltar ao Brasil. Foi atuando pelo Inter que Fernandão conquistou seus títulos mais importantes e onde, de fato, se tornou ídolo incontestável da torcida. Recebido

com festa no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, o jogador teve uma estreia inesquecível pelo time colorado.

No dia 10 de julho de 2004, Fernandão vestiu, pela primeira vez, a camisa vermelha e branca e o desafio era o confronto com o principal adversário do Inter, o Grêmio. Mais do que isso. Com 999 gols marcados na história do clássico Gre-Nal, caberia ao atleta que fizesse o primeiro gol daquela partida a marca do Gol Mil no duelo. Predestinado, de cabeça, Fernandão marcou o gol, estreou pelo Inter com vitória sobre o maior rival e iniciou a carreira vitoriosa pelo clube gaúcho.

As boas atuações pelo Inter renderam a Fernandão uma convocação para a Seleção Brasileira, em 2005, para o amistoso contra a Guatemala. Entretanto, o ano mais importante para a história do atleta – e para o próprio clube colorado – ainda estava por vir. O ano de 2006 marcaria a vida de Fernandão, do Inter e de toda a torcida colorada. Como capitão e líder da equipe, ele contribuiu para as conquistas - até então inéditas para o clube - da Copa Libertadores da América e do Campeonato Mundial de Clubes, vencido sobre o poderoso time do Barcelona, no Japão.

Na volta da equipe, após a conquista da taça do Mundial para Porto Alegre, Fernandão protagonizou uma cena que marcou os torcedores do clube. No Estádio Beira-Rio lotado, o capitão da equipe apresentou ao público o troféu recém conquistado e comandou a festa pela comemoração do título.

Dois anos mais tarde, o jogador anunciou que estava deixando o Internacional. A primeira das despedidas entre o ídolo e o clube levou Fernandão ao Al-Gharafa, nos Emirados Árabes. Já com 30 anos de idade, o desempenho do atacante não era mais unanimidade entre os torcedores colorados. Em sua despedida, o ídolo prometeu voltar, fosse na condição de jogador ou dirigente. Pouco mais de um ano depois, o atleta rescindiu o contrato com os árabes e decidiu pela volta ao futebol brasileiro.

Embora tivesse demonstrado publicamente o interesse em voltar a jogar pelo time gaúcho, as versões apresentadas pela imprensa na época dão conta de uma dificuldade de comunicação entre Fernandão e Fernando Carvalho, presidente do Inter. Entre as justificativas, e-mails que não teriam sido respondidos pelo dirigente, o que teria magoado o atleta que, de acordo com os veículos de comunicação, haveria entendido o fato como ingratidão. A polêmica dividiu a torcida colorada entre aqueles que pensavam que o clube deveria ter recebido de volta o ex-jogador e outros que entendiam que o clube era maior que a imagem do ídolo e teria que pensar nos interesses e necessidades dentro de campo.

Em negociação com outros clubes, Fernandão acabou por assinar contrato, em 2009, com o Goiás. Um ano mais tarde passou a defender a camisa do São Paulo. O primeiro gol com a camisa do clube tricolor foi marcado, justamente, contra o Inter, no Estádio Beira-Rio, em 23 de maio de 2010. A carreira de Fernandão como jogador de futebol chegou ao fim em 2011, quando ele e a diretoria do clube paulista decidiram pela rescisão do contrato.

Fora dos campos, Fernandão pretendia seguir a carreira próximo ao futebol. Foi neste momento que aconteceu a primeira reaproximação com o clube colorado. Em julho de 2011, ele foi apresentado como diretor executivo do Inter e, em menos de um ano, voltou a dividir a torcida colorada. Como dirigente, Fernandão demitiu o então técnico da equipe, Dorival Júnior, e assumiu o posto. Exatos quatro meses depois, em novembro de 2012, foi demitido pelo clube. Com aproveitamento de menos de 45% em 26 jogos à frente da equipe, o treinador também trocou farpas com jogadores como o zagueiro Bolívar, outro ídolo colorado. Na coletiva desta nova despedida de Fernandão do Inter, o ex-treinador chorou diante das câmeras e lamentou ter de deixar o clube.

O momento que voltou a unir Fernandão e Internacional aconteceu em abril de 2014, dois meses antes de sua morte. O ex-jogador foi um dos apresentadores da cerimônia de reinauguração do Estádio Beira-Rio, que passou por reformas em virtude da Copa do Mundo de Futebol daquele ano, que foi realizada no Brasil. Além de ser um dos mestres de cerimônia ao lado dos jogadores D'Alessandro e Figueroa, Fernandão deu um comovente depoimento sobre sua relação com o Inter. Esta foi a última grande entrevista concedida por ele.

O ex-jogador já havia assumido uma nova função no universo esportivo. Poucas semanas antes de morrer, Fernandão foi contratado pelo canal pago SporTV para ser comentarista dos jogos da Copa. O acidente que o matou aconteceu uma semana antes da abertura da competição. Apaixonado por helicópteros, levantou-se a hipótese de que o próprio atleta poderia estar pilotando a aeronave que pertencia à empresa Planalto, da qual era sócio. A perícia, entretanto, concluiu que era o piloto do veículo que estava no comando. Apesar da ampla cobertura sobre a morte deste ídolo do futebol, informações sobre as investigações do acidente não receberam destaque. O fato de o vôo ser irregular, já que aconteceu pela noite e em pista não oficial também não ganhou muita repercussão.

Entre as homenagens a Fernandão, estão a construção de uma estátua do ídolo pelo Internacional, o tema do samba enredo da escola Unidos do Capão, o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre e o nome de uma rua da capital gaúcha.

A cobertura da morte

O relato que os jornalistas – neste caso os que atuam na editoria de esportes – fazem sobre as conquistas e o desempenho dos jogadores contribui para que a sociedade – aqui, a torcida – identifique aqueles atletas que podem assumir os postos de ídolos, heróis e mitos. Entretanto, conforme Hook (1962), apenas o discurso midiático não é suficiente para que este processo seja concretizado.

Na idolatria aos heróis contemporâneos é a mídia quem registra estas realizações ao mesmo tempo em que faz de todos nós testemunhas. Mas este registro é elaborado a partir de uma relação dialética entre mídia, o ídolo em questão e o contexto social mais amplo. (HOOK, 1962, p. 29)

A cobertura da morte repentina de um ídolo, como Fernandão, extrapolou as páginas destinadas ao jornalismo esportivo e ganhou destaque nas publicações. A grande quantidade de matérias sobre o caso e a busca por detalhes e causas do acidente aéreo podem ser entendidas, de acordo com Rodrigues (1992), pelo fato de um dos primeiros fenômenos observados no anúncio da morte de um ídolo ser a recusa a crer no fato, já que estes seres são, em princípio, entendidos como imortais. Sobre o tema, Neto (1991) vai além e explica que, nestes casos, os meios de comunicação constroem modelos discursivos que não tratam a morte de forma objetiva, mas fazem com que ela deslize para um tipo de imortalidade.

Entre os temas abordados durante a cobertura da morte de Fernandão, as homenagens prestadas por torcedores e as cerimônias fúnebres realizadas em Goiás, seu estado natal, ganharam destaque. No caso das atividades realizadas por fãs em Porto Alegre, os eventos reuniram – como era de se esperar – muitos torcedores colorados que, usando o uniforme do time, também cantaram, entre choro, orações e homenagens, as músicas que tradicionalmente são executadas nos estádios. Sobre este tema, Rodrigues (1992 p.72) afirma que “Compreende-se a ambiguidade e a ambivalência dos sentimentos, que oscilam entre a alegria e a tristeza, entre festa e funeral: é porque, de certa forma, estes seres ‘imortais’ são feitos para morrer.” Para Gonçalves (2011) a morte também representa uma nova etapa na construção do personagem:

A morte de um jovem vencedor, em uma sociedade como a Ocidental, que cultua a beleza, a juventude e o sucesso, fortalece o culto. A imagem congelada na glória,

sem decadência, sem a decrepitude provocada pela idade, eterniza o modelo a ser seguido e imitado. (GONÇALVES, 2011 p. 122)

Por se tratar de um ensaio da dissertação de Mestrado, optamos, para a realização deste estudo, pela escolha da primeira matéria publicada pelo jornal Zero Hora sobre a morte de Fernandão.

Zero Hora

O jornal Zero Hora, também conhecido como ZH é um dos principais veículos do Grupo RBS, composto por outros sete jornais impressos, 18 emissoras de TV afiliadas à Rede Globo, duas emissoras locais e 24 emissoras de rádio. A ZH é o jornal de maior circulação do sul do Brasil, com tiragem de mais de 175 mil exemplares ao dia.

O periódico diário foi fundado em 4 de maio de 1964 e tem sua história iniciada a partir de outro jornal, o Última Hora, de circulação nacional, criado pelo jornalista Samuel Wainer e que teve sua estrutura invadida durante o Golpe Militar de 64, quando encerrou sua circulação no Rio Grande do Sul e passou a ser gerenciado por Ary de Carvalho. Na busca por sócios que pudessem ajudá-lo a manter o jornal, Carvalho trocou o nome do veículo para Zero Hora. Em 1965, Maurício Sirotsky Sobrinho se tornou o presidente da empresa que se chamava, então, Editora Jornalística Sul-Riograndense S.A. Nos anos que se seguiram, a empresa foi incorporando novos veículos, passando a chamar-se Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS). Em 1970, o controle de Zero Hora passa a ser da RBS.

Entre os fatos que marcaram a história de ZH está um incêndio, ocorrido no dia 29 de março de 1973 e que destruiu parte do acervo da redação, que teve de ser transferida provisoriamente para o Jornal do Comércio. Dois anos depois ZH passou a circular em todas as cidades do estado.

Em formato tabloide, o jornal usa o atual slogan “Papel. Digital. O que vier.” como norteador de suas mais recentes alterações. Desde 1995, a ZH conta com um site na internet, um ano antes da edição e produção do impresso tornarem-se totalmente digitais. Em 2007, foi lançado o website ZeroHora.com, que apresenta matérias publicadas no impresso e também atualiza informações ao longo do dia. Em 2012, a empresa passou a cobrar pelo acesso à versão digital do conteúdo impresso, que está disponível para computadores e dispositivos móveis como *tablets* e *smartphones*. A ZH também está presente em sites como Facebook, Instagram e Twitter, oferecendo possibilidades interativas com o público leitor.

Quando completou 50 anos de existência, a história de ZH foi marcada por uma grande mudança em seu padrão gráfico. Além de diminuir o número de cadernos que eram veiculados e agrupar temas formando suplementos mais amplos, ZH terminou com boa parte das sucursais que mantinha em cidades do interior do estado. As editorias também sofreram modificações, passando a ser divididas em apenas quatro: Notícias, Sua Vida, Esporte e Cultura/Lazer.

A mudança também atingiu a logo do jornal que passou a ser móvel na capa do veículo e outras características gráficas como paletas de cores, tipografia, uso maior de arte, ilustração e infografia. Estas mudanças que culminaram nos 50 anos do veículo foram definidas a partir de um estudo realizado dois anos antes sobre tendências e o comportamento do público no consumo de informações.

A análise da construção de Mitos do esporte a partir da cobertura jornalística foi tema abordado em outros trabalhos, em especial sobre Ayrton Senna, piloto brasileiro morto durante uma corrida em 1994. A realização deste trabalho se justifica, entretanto, por abordar a temática a partir do futebol, esporte mais popular do país – e do mundo – e pela análise da produção regional do jornalismo esportivo.

Embora o jornalismo esportivo represente importante editoria em jornais, rádios, sites de notícias e televisão, o tema ainda carece de mais pesquisas acadêmicas, fato que também justifica a realização deste estudo.

Fundamentação Teórica

Definimos como Fundamentação Teórica para a realização deste ensaio categorias *a priori* que nos nortearam neste estudo. São elas Fotografia, com as subcategorias *Studium* e *Punctum*; *Fait Divers*; Mito e Socioleto. Todas estas categorias terão como referência as produções de Roland Barthes.

Fotografia: *Studium* e *Punctum*

No que se refere à Fotografia, Barthes (1980) identifica dois elementos que estão copresentes na imagem: são o *Studium* e o *Punctum*. O primeiro deles é percebido culturalmente e interpretado a partir do conhecimento prévio sobre o mundo de quem vê a Fotografia. O contexto histórico é entendido a partir da observação de elementos como vestuário, cenário, ambientação, etc. O segundo, por sua vez, se lança sobre quem vê a Fotografia conforme descreve o autor, "não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com

minha consciência soberana o campo do studium), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar" (BARTHES, 1984, p.46).

Estes dois elementos apresentados por Barthes permitem uma apreensão distinta por quem observa uma fotografia: enquanto o *Studium* gera um interesse racional, o *Punctum* desperta um estado emocional.

Fait Divers

O termo que designa a informação sensacionalista recebeu de Barthes (1971) tipologia baseada em duas categorias básicas: Causalidade e Coincidência. Cada uma delas subdivide-se em dois subtipos. A primeira pode ser manifestada nas formas: Causa Perturbada, na qual não há o conhecimento da causa ou quando uma pequena causa gera um grande efeito; e Causa Esperada, na qual a causa é normal porém envolve os personagens dramáticos definidos por Barthes: mãe, criança e velho.

No *Fait Divers* de Causalidade não se encontra uma lógica para a compreensão dos fatos e, assim, recorre-se a um Sujeito Absoluto. A fatalidade passa a ser a explicação daquilo que não pode ser explicado.

Já o *Fait Divers* de Coincidência subdivide-se em: Repetição, quando o mesmo fato ocorre diversas vezes; e Antítese, na qual temas opostos são fundidos em um mesmo fato.

No cerne do *Fait Divers* está a notícia sensacionalista, cuja importância está menos no que se diz e mais na maneira como o faz.

Mito

Para Barthes (1993), o Mito é uma forma de linguagem, de fala, produzida pela conotação que não nega a história, apenas a torna ingênua, inocente. Desta forma, o Mito é uma fala definida pela sua intenção e está presente em diversas representações como, por exemplo, uma reportagem jornalística. “O Mito está presente em todo lugar onde se façam frases, onde se contem histórias” (Barthes, 1988, p.82).

Para o semiólogo, existem sete diferentes tipos de Mito. São eles: Mito Vacina: se revela um problema secundário para se esconder um problema essencial; Mito da Omissão da História: quando se perde o sentido histórico; Mito da Tautologia: repetição do discurso; Mito da Constatação: utiliza provérbios, bordões, etc; Mito da Identificação: o outro só é considerado existente caso seja igual ao receptor; Mito do Ninismo: se equilibram duas

possibilidades de mudança optando-se pela não-mudança e Mito da Quantificação: se reduz a qualidade em detrimento da quantidade.

Socioleto

Conforme Barthes (1988), o Socioleto determina o conjunto de características da linguagem de determinado grupo social. Para o autor, toda palavra está naturalmente inserida em algum Socioleto, linguagem social que une língua e discurso de maneira segmentada na sociedade. O pensador define dois tipos de Socioletos: Enclíticos, discursos no Poder que agem por opressão e Acráticos, discursos fora do Poder, que age por sujeição.

Opções metodológicas

Para a realização deste ensaio, optamos pela utilização do Paradigma da Complexidade, método apresentado por Edgar Morin (2011), que propõe a Transdisciplinariedade. Neste conceito, não há barreiras entre os diferentes teóricos e disciplinas; ao contrário, se propõe, de modo permanente, o diálogo entre os diferentes saberes. Entendemos este método como coerente para nos guiar neste ensaio visto que o esporte, neste caso o futebol, é um tema que perpassa distintos aspectos na sociedade contemporânea e, portanto, a possibilidade de nos nutrirmos de diferentes fontes de conhecimento contribui para a realização deste estudo. Como forma de nos mantermos coerentes à metodologia escolhida para a realização deste ensaio, optamos pela utilização da primeira pessoa no plural na escrita do nosso texto e por considerações provisórias.

O Paradigma de Morin (2011) é constituído pelos sete Princípios da Complexidade, que são apresentados pelo autor sem valoração de hierarquia: Sistêmico ou Organizacional; Hologramático; Anel Retroativo; Anel Recursivo; Auto-eco-organizacional; Dialógico; e Reintrodução.

Sistêmico ou Organizacional: é preciso conhecer as partes para conhecer o todo, e vice-versa. A cobertura da morte de Fernandão é destacada, principalmente, pelos momentos de vitória do atleta. Entretanto, são vários os casos em que a relação dele com o clube, a torcida e os profissionais do clube que o destacou internacionalmente são marcados por contradições.

Hologramático: a parte está no todo e o todo está na parte. A cobertura da morte do ex-atleta reconta os principais momentos da carreira de Fernandão. Os feitos realizados em vida estão contidos na morte e na cobertura realizada pela imprensa.

Anel Retroativo: o efeito retroage sobre a causa. Toda vez que existem manifestações jornalísticas relacionadas à morte de Fernandão, renova-se o olhar sobre o tema, que reacende a reflexão sobre a vida e a morte do atleta.

Anel Recursivo: o produtor faz o produto e vice-versa. O discurso produzido pela mídia é um dos responsáveis pela construção do Mito. Entretanto, esta construção só é possível nos casos em que o indivíduo pode sustentar esta narrativa a partir de seus feitos e sua trajetória, como é o caso de Fernandão.

Auto-eco-organizacional: o sujeito é autônomo, mas depende da sociedade em que vive. Embora aspectos como liderança e a capacidade técnica no futebol fossem inerentes ao Fernandão, o fato de fazer parte de uma equipe que se encontrava em momento vitorioso foi fundamental para que ele atingisse o patamar de ídolo da torcida colorada.

Dialógico: aproxima e associa temas contrários. Em relação à cobertura da morte de um indivíduo que se destacou pelo desempenho esportivo e que sempre teve sua imagem ligada à atividade física faz com que este princípio seja identificado a partir das relações entre esporte e morte, temas que estão, aparentemente, distantes.

Reintrodução: afirma que o conhecimento é um processo que abriga o diálogo entre o sujeito e o objeto. Para a compreensão deste princípio, é preciso entender o diálogo que se estabelece entre o sujeito, no caso o Fernandão, e a cobertura de sua morte, realizada pela imprensa e definida como nosso objeto de estudo.

O resultado destes sete princípios indicados por Morin é justamente a Transdisciplinarietà, capaz de eliminar a distância entre diferentes conhecimentos e identificar pontos de intersecção entre eles.

Como técnica metodológica, nos baseamos na Semiologia de Roland Barthes (1997), em sua essência, qualitativa, que tem como foco menos o “o quê”, e mais o “como e o porquê”. Como ciência geral dos signos, a Semiologia pode se referir não só à linguagem, mas, também a imagens, um dos focos de análise deste trabalho.

Para a definição do corpus deste ensaio, recorreremos ao Princípio da Pertinência, necessário na Pesquisa Semiológica, conforme Barthes (1997).

(...) decida-se o pesquisador a descrever os fatos, reunidos a partir de um só ponto de vista e, por conseguinte, a reter, na massa heterogênea desses fatos, só os traços que interessem a esse ponto de vista, com a exclusão de todos os outros. (BARTHES, 1997, p. 103).

Apresentamos, portanto, uma Pesquisa Semiológica, que valoriza o caráter qualitativo do objeto.

As questões que nos motivaram a realização deste ensaio, de acordo com nossas categorias *a priori*, são: Como são reveladas, na Fotografia, as subcategorias *Studium* e *Punctum*? De que maneira os elementos do *Fait Divers* podem ser observados no discurso? De que forma podemos identificar os tipos de Mitos propostos por Barthes? Como o Socioleto pode ser identificado na matéria?

Nosso objetivo Geral na realização deste ensaio É “Estudar a produção de sentido na cobertura da morte de um ídolo esportivo como Fernandão”. Já como objetivo Específico, tivemos o de “Compreender e explicar de que forma a matéria observada colabora na construção do Mito do Fernandão”.

Análise

Na realização deste ensaio, decidimos como estudo de caso uma matéria publicada pelo jornal Zero Hora no domingo, 8 de junho de 2014, dia seguinte à morte trágica de Fernandão. Naquela edição, o periódico dedicou nove páginas, incluindo capa e contracapa, para a cobertura do acidente que vitimou o ídolo colorado. A escolha por esta matéria se dá com a justificativa de ser a primeira, publicada nas páginas 2 e 3 do jornal, sobre a morte do jogador.

Assinada pelo jornalista Moisés Mendes, a matéria tem como título, em letras maiúsculas “FERNANDÃO 1978-2014”, referência aos anos de nascimento e morte do atleta. Na linha de apoio, o início da frase é destacado pelo negrito e também em letras maiúsculas: ACIDENTE AÉREO MATOU na madrugada deste sábado um dos maiores ídolos da história do Inter.

Um dos destaques da matéria que abre a cobertura realizada pelo jornal Zero Hora é a publicação de uma foto de arquivo, de autoria do fotógrafo Jéfferson Botega, datada de 13 de setembro de 2007. A imagem, que mostra o rosto de Fernandão em perfil e, ao fundo, a bandeira do Internacional em um dia que parece estar nublado, ocupa uma página inteira e mais um terço da outra página.

Do título à matéria, todas as palavras estão escritas em preto, cor que se repete em um símbolo gráfico em forma de triângulo utilizado pelo jornal no canto esquerdo da página de número 2 e em uma linha contínua localizada na parte inferior das páginas e que se repete nas matérias seguintes que tratam da cobertura da morte de Fernandão.

A matéria está diagramada em duas colunas na primeira das páginas, sem detalhes sobre o acidente aéreo ou sobre as especificidades da trajetória do atleta - temas que são tratados pelo jornal nas páginas seguintes - o texto apresenta um perfil inicial do personagem que acabara de morrer. Entre os parágrafos, uma citação do próprio Fernandão sobre a importância do Internacional e do estado do Rio Grande do Sul em sua vida. O último parágrafo é destacado pelo subtítulo “RESPEITADO POR DUAS TORCIDAS”, publicado em negrito e letras maiúsculas, a frase dá início ao texto que aborda a admiração de torcedores não só colorados mas também gremistas, tradicionais rivais no futebol gaúcho.

A Fotografia que ilustra a matéria ocupa mais da metade do espaço disponível nas duas páginas destinadas ao tema. Em relação ao *Studium*, ou seja, o aspecto que pode ser percebido e interpretado a partir do conhecimento histórico de quem vê a fotografia, destacamos o rosto de Fernandão, que embora não esteja iluminado, pode ser facilmente reconhecido por aqueles que conheciam a fisionomia do ex-jogador. Ao fundo, uma bandeira do Internacional, hasteada e balançando em virtude, possivelmente, do vento. A cor vermelha da bandeira indica que a foto é colorida, apesar de todos os outros elementos apresentarem apenas a cor preta em escala de cinza. A hipótese é de que a foto tenha sido feita em um dia nublado ou até chuvoso, em que não havia a incidência de luz sobre o rosto de Fernandão. O perfil do atleta está localizado no canto direito da página 3, voltado para a bandeira do Internacional ao fundo e para o texto.

O fato de se tratar de uma foto de arquivo (de 2007, quase sete anos antes da morte do jogador), indica que ela foi escolhida, justamente, pelo *Punctum*, ou seja, o estado emocional que ela desperta em quem a vê. O rosto do atleta, que é facilmente reconhecido pelo contorno de seu perfil formado pelos cabelos, testa, nariz, boca e queixo, embora não haja luz, indica a ausência de Fernandão após sua morte, ao mesmo tempo em que imprime sua marca. A bandeira ao fundo, que tremula com movimentos para baixo também simboliza o luto, embora ela não esteja a meio mastro.

Ao analisarmos o texto a partir das tipologias apontadas por Barthes no que diz respeito ao *Fait Divers*, identificamos as duas categorias básicas: Causalidade e Coincidência. Por diversas vezes a fatalidade é apresentada como a causa da morte de Fernandão. Um dos exemplos é a frase “Os deuses de plantão (...) devem saber o que estão fazendo”. O Sujeito Absoluto, a fatalidade, torna-se a causa da morte e o acidente aéreo - com suas causas técnicas, mecânicas etc - é tema não abordado no texto.

Embora o fato não tenha acontecido diretamente com os personagens dramáticos identificados por Barthes, a figura da mulher de Fernandão e dos filhos (mãe e crianças) é destacada em trecho que fala sobre as demonstrações de carinho que o pai de família tornava públicas nas redes sociais.

O *Fait Divers* de Repetição é identificado logo no início do texto. A frase que abre a matéria lembra que “Repete-se como tragédia a perturbadora certeza de que a Copa é também o período em que referências do futebol se despedem do mundo”. O outro tipo do *Fait Divers* de Coincidência, a Antítese, também é percebida no texto, já que em vários momentos são destacadas a idade - 36 anos - e a vitalidade de um atleta que morreu.

Sobre a construção do Mito, Barthes entende que ela é feita a partir da forma de linguagem, produzida pela conotação e que não nega a história, mas a torna ingênua. Entre os sete diferentes tipos de Mitos apresentados pela autor, identificamos na matéria observada neste ensaio o Mito Vacina, pelo qual os motivos do acidente aéreo são deixados em segundo plano e se percebe a morte de Fernandão apenas como fatalidade. Mito da Omissão da História em que, apesar dos momentos de contradição de Fernandão na sua relação com o Internacional, apenas os momentos de alegria e conquistas são lembrados pelo texto. O Mito da Tautologia se revela a partir da repetição da morte do jogador e das suas qualidades de liderança e sua jovialidade. O Mito da Constatação se manifesta na utilização de termos como “o capitão da maior conquista colorada”, “Fernandão ressuscitou o Inter”, “Deuses de plantão nas Copas”, entre outras.

Em relação ao Socioleto, identificamos no texto publicado pelo jornal Zero Hora termos que são característicos do universo esportivo e de sua cobertura jornalística como, por exemplo: craque, qualidades raras nos campos, jeitão, capitão, cara, esquemas, etc.

Considerações provisórias

A morte precoce de um ídolo do futebol é tema complexo para torcedores, jornalistas e pesquisadores da área da Comunicação. A partir do Paradigma da Complexidade, proposto por Edgar Morin, diferentes fontes de conhecimento podem contribuir para o estudo e compreensão deste fenômeno. A Semiologia baseada em Barthes nos guia na busca de desvelar os elementos utilizados pela imprensa para contar a morte de Fernandão e lembrar a trajetória como jogador e ídolo, levando em consideração a conotação.

A identificação dos sete Paradigmas da Complexidade nos fenômenos que envolvem a morte de Fernandão nos ajuda a compreender a o fato como tema complexo, ou seja, que envolve diferentes aspectos e áreas do conhecimento.

A partir de nossa observação neste estudo de caso, percebemos que a questão dialógica entre os feitos realizados por Fernandão e a narrativa produzida pela mídia na cobertura de sua morte contribui efetivamente para a construção do Mito. As contradições da história do atleta acabam por perder espaço nas páginas dos jornais, que passou a descrevê-lo como Sujeito Absoluto, livre de defeitos após a morte.

No caso específico da matéria analisada, os elementos que identificam a notícia sensacionalista foram identificados em todos os seus subtipos e categorias. O uso de termos referentes ao universo esportivo dá indícios de que, embora o texto não tenha sido produzido por jornalista esportivo, o Socioleto pode ser identificado.

A escolha por uma Fotografia de arquivo, datada de sete anos da morte de Fernandão dá indícios de que o *Punctum*, ou seja, o estado emocional despertado pela imagem no público foi determinante em sua definição como imagem que ilustra a primeira das matérias publicadas pelo jornal Zero Hora sobre a morte de Fernandão.

O tema, como indica a Complexidade, não se esgota por aqui. Estes são conhecimentos provisórios que devem ser ampliados, revistos, rediscutidos a partir da observação de novos objetos e de novas fontes de saberes.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1980] 1984.

_____. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. **Mitologias**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

_____. **Rumor da Língua**. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cutrix, s/d.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

GONÇALVES, S.. **A morte de um ídolo**. A construção do herói contemporâneo. Caleidoscópio - Revista de Comunicação e Cultura, América do Norte, 0, sep. 2013. Disponível em:

<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/3709>>. Acesso em: 10 Ago. 2014.

HELAL, Ronaldo; MURAD, Maurício. **Alegria do povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis de futebol**. Pesquisa de Campo, Rio de Janeiro, n.1 p.63-79, 1995.

HOOK, Sidney. **O herói na história**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre. Sulina, 2011.

_____. **O Método 1: A Natureza da Natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **O Método 3: O Conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

PICH, Santiago. **A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo**. Perspectiva, Florianópolis, v.21, n. 1, p. 199-227, 2003.

RODRIGUES, José Carlos. **“Quando a morte é festa!”** In: RODRIGUES, José Carlos. Ensaio em Antropologia do poder. Rio de Janeiro: Terra Nova Editora, 1992.